

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	27.º Anno — XXVII Volume — N.º 928	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i> OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 33
Portugal (franco de porte, (m. forte)	3\$800	1\$900	6950	6120	10 DE OUTUBRO DE 1904	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



NUN'ALVARES PEREIRA

Quadro de Luciano Freire, feito expressamente para o Museu de Artilharia

Chronica Occidental

Foi em meio das ultimas alegrias d'uma estação que se despede. Falava-se até em Cascaes d'um baile que devia realisar-se na Cidadella. Andavamos mal costumados, está visto, talvez andassemos esquecidos.

E' que, para estas coisas, ha muitos que desejam fechar os olhos, calar presentimentos, ás vezes até chamar mãos agoiros a claros argumentos da razão.

Lisboa animara-se um pouco com a abertura das côrtes e foi n'uma das suas ultimas sessões que ao sr. Ministro da Marinha coube o tristissimo dever de communicar á nação a noticia lugubre que havia de encher-a de horroroso e doloroso espanto.

As armas portuguezas haviam padecido ao sul de Angola um terrivel desastre. Era grande a lista dos mortos, e entre elles figuravam os nomes de muitos officiaes distinctos sacrificados pelo dever ou por sua entusiastica dedicação á patria.

O sentimento que de todos se apoderou não é possivel defini-lo. Eram os brios offendidos, era a compaixão e saudade pelos mortos, era a piedade pelas familias, era a comparação da tristeza de hoje tão profunda com aquella alegria de ha poucos annos, em Lisboa e pelo paiz inteiro, quando foi da chegada das primeiras tropas vencedoras dos vatuas.

Lembra aqui o verso de Dante tantas vezes citado. Tempos que foram de ventura ainda tão perto, e já hoje correm de tamanha tristeza!

Ainda, por falta de communicações telegraphicas para o interior, poucos são os promenores recebidos pelos quaes anciosamente se espera. Soube-se apenas ao certo que o desastre foi de maior gravidade e que muito sangue portuguez ensopou o chão africano, tendo os cuamatás atacado de surpresa a guarda avançada da columna, cujo commando fôra entregue ao capitão de artilharia, Luiz Pinto d'Almeida, irmão do sr. Simões de Almeida, antigo presidente da Associação Commercial de Lisboa, e que foi victima da sua valentia.

Que dolorosos dramas se passaram! Que lagrimas amargas se não vertido, ainda mais do que sangue se verteu!

Muitos prognosticavam o desastre, jornaes de Lisboa e do estrangeiro achavam insignificante o pequenino exercito que hia bater-se contra numerosas tropas perfeitamente armadas, povos talvez de perfeito acordo com seus visinhos, os cuamatás, apesar do muito que em contrario se affirmava. Os telegrammas recebidos pelo sr. ministro da marinha provam que, se na metropole havia duvida sobre a victoria não a tinha a temeridade dos que iam arriscar as vidas.

Fala-se em que uns cinco mil homens vão ser convenientemente armados para que seja completa a desforra. Mas vai começar o tempo das chuvas e talvez a partida não possa effectuar-se antes d'uns quatro mezes pelo menos.

Tanto mais dolorosa foi a noticia, quanto é certo que bastantes apprehensões havia desvanecido o telegramma do governador geral de Angola noticiando numerosas perdas dos cuamatás nos recontros dos dias 21, 22 e 23 do mez passado. Vinte e cinco libatas haviam sido queimadas pelas nossas tropas.

Maior, muito maior, foi a tristeza agora, quando já uma esperança raiava nos espiritos mais duvidosos, nos mais conhecedores dos riscos da aventura.

Ha no céu estrellas que periodicamente diminuem de grandeza para rebrilharem novamente; assim será também na nossa historia africana. Desaire não houve; desastre apenas.

Mas tanto este preoccupou a população, que quasi, fóra da politica, passaram despercebidas as propostas de lei apresentadas pelo sr. ministro da fazenda e referentes ao contracto dos tabacos, modificação do systema monetario, navegação para o Brazil, direitos de importação de peixe fresco, credito agricola e camaras de compensação.

O pensamento agora dominante é outro; ainda os corações não se tranquilisaram o preciso para que outras questões, embora de grande importancia, sejam discutidas com o calor que a opposição decerto lhes vae dar e em seus jornaes lhe promette.

O sr. conselheiro José Luciano de Castro, cujas melhoras são notaveis, reuniu hontem em sua casa os seus amigos politicos. Muito concorrida foi também a reunião das maiorias, sendo em seu discurso muito applaudido o sr. Hintze Ribeiro.

Veremos o que dá a politica; por ora só uma

nova indiscutivelmente boa devemos aqui registrar. Deu-a ao paiz El-rei no discurso da corôa pelas seguintes palavras: — «Uma alta demonstração de estima acabamos de receber dos augustos soberanos, os reis de Inglaterra, imperadores das Indias, convidando-me e a S. Magestade a Rainha, para, em novembro proximo, os visitarmos em Londres. A tão penhorante convite é intento e desejo nosso corresponder, como o pedem o nosso pessoal affecto e os estreitos laços de antiga amizade e alliança entre as duas nações, sendo-me grato recordar que a Portugal fez o rei Eduardo VII a sua primeira visita quando ascendeu ao throno, do que nos ficou indelevel reconhecimento.»

E' para que tudo n'esta chronica não seja tristeza, porque ha mais ainda de que havemos de falar, infelizmente algumas mais.

Emquanto os politicos discutem se esta noticia da proxima viagem de El-rei a Inglaterra significa ou não significa a estabilidade do ministerio e cada qual apresenta factos ou argumentos favoraveis á sua opinião, digamos alguma coisa d'um homem que prestou serviços, preparemos umas flôres para as deitar sobre um caixão da que foi das artistas mais gentis e do mais formoso talento no theatro portuguez.

Os dois funeraes quasi se encontraram no cemiterio dos Prazeres. Sahiam os que haviam acompanhado á sepultura o cadaver do par do reino Simões Margiochi e apontava ao alto da Avenida Saraiva de Carvalho o enterro de Rosa Damasceno. Parece que na morte os contrastes ainda são mais pasmosos que na vida.

O antigo provedor da Casa Pia morreu rodeado por alguns antigos alumnos d'este estabelecimento. Parece, segundo elle o disse, que isso lhe suavizou os ultimos momentos de soffrer n'esta terra. Simões Margiochi trabalhou muito, e sua interferencia foi salutar em muitos assumptos de educação e de fomento da agricultura. Pertenceu á camara municipal de Lisboa e era par do reino por direito hereditario. Uma doença curta, mas que logo deixou prever o desenlace fatal, serviu de prevenção aos amigos para o desgosto que haviam de soffrer.

Não succedeu assim com Rosa Damasceno, arancada em poucos segundos ao carinho dos seus e á admiração de nós todos, quando todos a julgavam restabelecida d'um ligeirissimo incommodo que padecêra ha dias.

E ella, que era o symbolo da primavera e cuja moçidade lembrava a da flôr lendaria de Jerichó, a que uma gota de orvalho faz reabrir as petalas ella que, ainda este anno, tanta vez nos encantou com a frescura da sua voz e a gentileza do seu sorriso, quem havia de acreditar que para sempre, desde tão cedo, iria dormir no caixão que mãos piedosas encheram de flôres, como o esquife de Ophelia, que braços de amigos reverentes transportavam, um d'estes dias, para a capelinha branca do cemiterio? Saimos de lá, era já noite, e parecia que as estrellas do céu eram la-

grimas de prata a tremeluzirem sobre as pontas esguias dos ciprestes. Também o céu chorava. Seria da nossa dôr, que não sobre aquella que recolhêra em seu piedoso seio onde todas as dôres teem fim.

Devi a Rosa Damasceno dos melhores instantes da minha vida litteraria. Quando no theatro me estreei com a minha peça maior, *D. Affonso VI*, depois de ligeiras tentativas, foi a sua voz, que lembrava perolas cahindo em taça d'ouro, que disse os meus pobres versos, que lhes deu cor, que lhes deu relevo. Foi Rosa Damasceno quem, ainda no theatro de D. Maria, disse com todo o primor os versos de Alcaccer Kibir e deu encanto ás duas pequeninas alemtejanas dos *Velhos* e da *Triste Viuvinha*. Nas peças que escrevi para o theatro D. Amelia, tive-a sempre como interprete. Acodeme agora aos olhos uma lagrima, recordando um passado, que em dias futuros que Deus ainda me queira conceder de alegria ha de enbaixar com uma nevoa. Nunca mais á querida artista eu hei de beijar a mão comovidamente, agradecendo-lhe as dadas do seu talento e, ainda mais preciosas, as da sua amizade.

Poucas horas depois de haver recebido a nova triste, tive de ir ao theatro do Gymnasio assistir á estreia de dois discipulos meus do Conservatorio. E entre os applausos que lhes dispensavam uma dôr mais aguda eu sentia no coração. Não se me tirava do pensamento aquelle astro a apagar-se ainda tão longe do ponto em que o destino que lhe desejavamos tocava no horisonte. Lembra-me de quando pela primeira vez vira a artista no theatro da Trindade, cantando n'uma opera comica versos com musica de Offenback, declarações de amor ao seu pastor, o Brazão, que havia de ser gloria fulgente do theatro portuguez, e depois esposa d'elle, agora mergulhado na mais pungente das dôres.

Brazão bem sabe que muitos soffrem com elle n'esta hora. Seja lhe este o maior lenitivo, sejam-lhe as provas de apreço que lhe dão collegas e amigos e quantos, tanta vez, o applaudiram ao lado da companheira excellente, consolação na tristeza, raio pallido de luz na treva de que veiu cercal-o a mais cruel das ausencias. Outras maiores consolações saberá encontrar sua alma christianissima.

João da Camara.

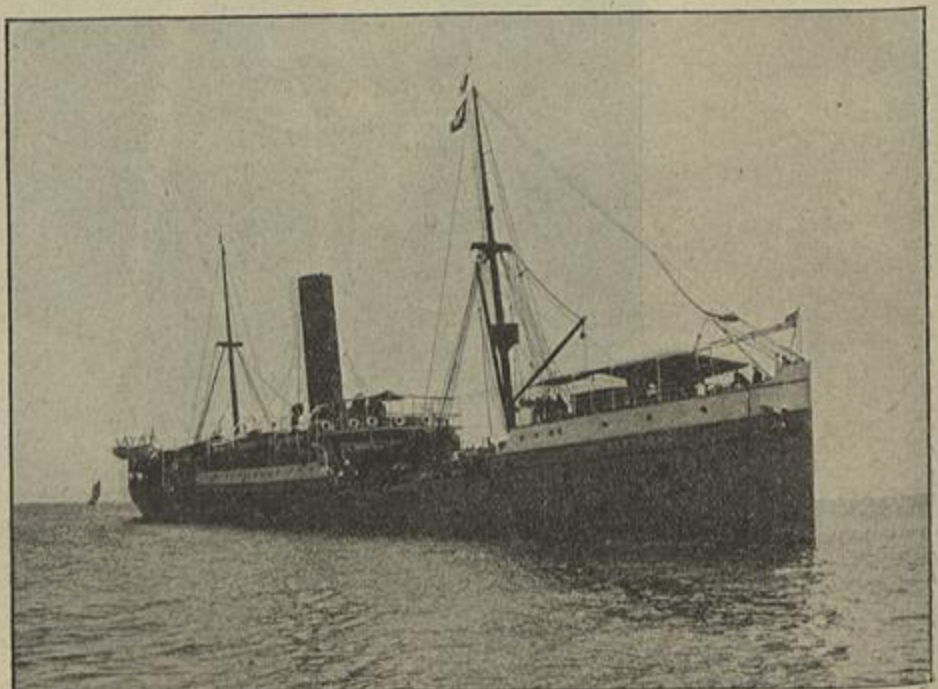
NUNO ALVARES PEREIRA

«Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei, que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes;
E se com isto emfim vos não moverdes
Do penetrante medo, que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.»

(*Luziadas*, canto 4.º, estancia 18.ª)

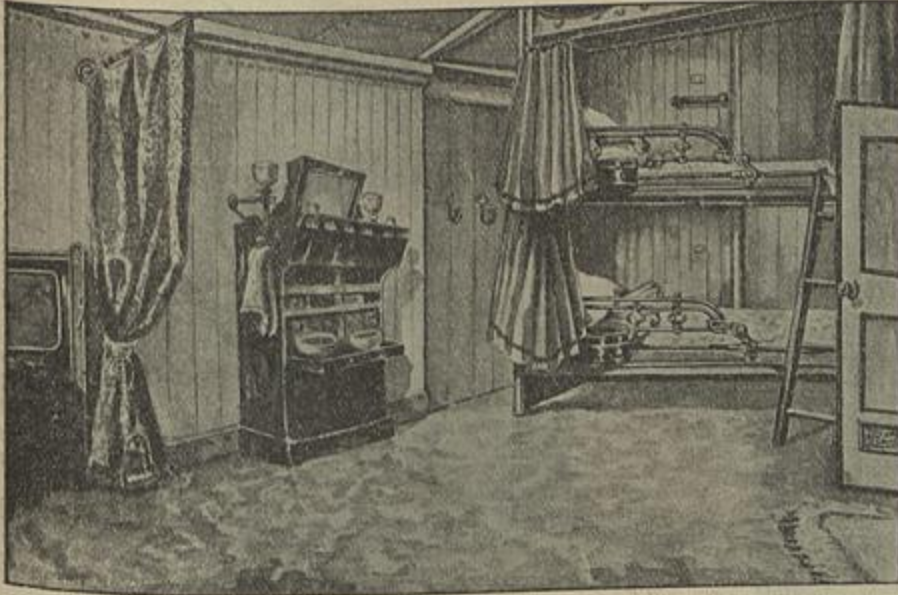
Camões pondo na bóca do glorioso condestavel os profundos conceitos que encerram os ver-

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO



O VAPOR «PORTUGAL.»

Empresa Nacional de Navegação



O VAPOR «PORTUGAL» — UM CAMAROTE DE 1.ª CLASSE

dos da estancia precedente, definiu o carácter do invencível fronteiro do Alentejo, revelou a um tempo á posteridade a firmeza do homem e o ideal do heroe.

Não me fornecem as paginas da Historia outro tipo assim nobre e intemerato, valente e audaz, piedoso adepto da religião do Crucificado e guerreiro ardentissimo no remoinho das batalhas.

Houve Coriolanos e Cipiões, mas não houve exemplo de carreira preenchida sem mancha qual foi a de Nuno Alvares Pereira. D. João 1.º não contou melhor amigo, nem a patria portugüesa mais impertérrito e leal soldado.

Se a espada do condestavel não servisse incondicionalmente o esposo de D. Filipa de Lencastre, outro haveria sido o destino do Mestre de Aviz, muito differente a significação da herança do rei D. Fernando 1.º no quadro politico da vida peninsular.

Poderia talvez ter raiado o astro do dia, aos 14 do mez de agosto de 1385, mas de que valeria na memoria popular presentemente, a palavra Aljubarrota?

Deus associou os dois grandes vultos historicos da nossa patria, elejeu-lhes as almas para empresa homérica de consolidação e autonomia de um povo que corria o maximo perigo, na hora mais atribulada de sua existencia.

E pendia da fortuna do Mestre de Aviz e do condestavel a propria irradiação luminosa do Evangelho que, levado ao longe nas prégas da bandeira de Aljubarrota e de Ceuta, policiaria barbaros e selvagens em nome dos reis de Portugal.

Sim: o muito que fizemos, o quasi inverosimil que praticámos desde então até o tempo do *Desejado*, filiou-se no impulso memoravel que imprimiram os dois imortaes obreiros da nacionalidade, rediviva mercê de suas victorias inolvidaveis.

Nuno Alvares Pereira, essencialmente modesto e desprendido de

bens e de riquezas, que sabia distribuir como justo galardão a seus companheiros de armas e em proveito dos pobres, jámais aspirou ao primeiro logar que evidentemente poderia ter disputado, e nunca se desmentiu no afeto e na dedicação sincera ao rei D. João.

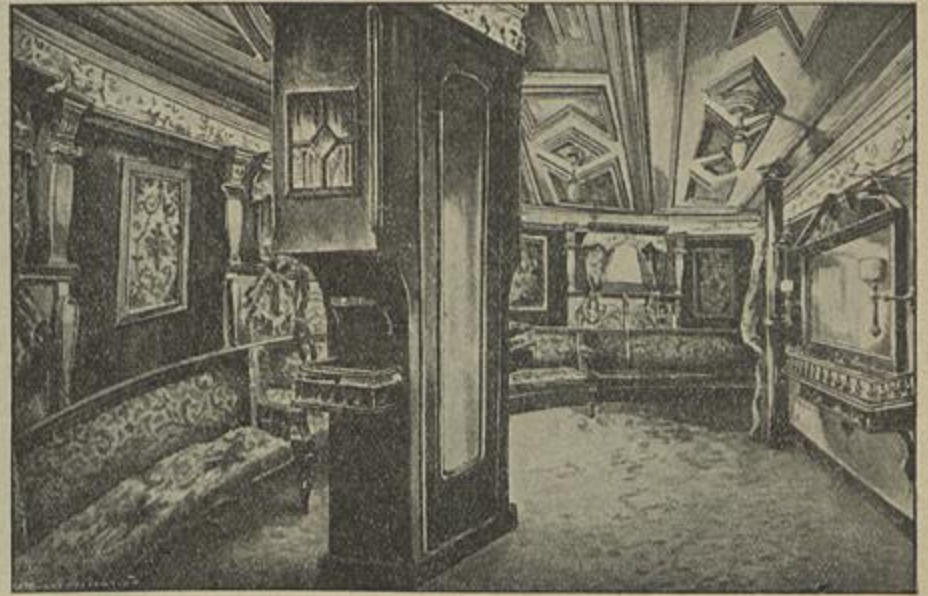
Soldado e sonhador, namorara-o primeiro o altar da patria e fascinou-o em seguida o altar que evoca em todo o mundo o supremo sacrificio do Calvario.

Sob o nome de Nuno de Santa Maria, este peregrino lutador e singular cavaleiro entrou para o Carmo, em Lisboa, no ano de 1423, envergou o burél de religioso e renunciando ás pompas da gloria, esperou no silencio do claustro o passamento, ocorrido em novembro de 1431.

Luciano Freire, artista—notavel—deu relevo a Nuno Alvares num quadro em que o heroe, de pé, segurando com uma das mãos os copos da espada, fixa o olhar num ponto de enlévo estático onde a nossa vista não alcança mas onde é licito supôr que êle via a imagem da patria percorrendo em marcha triumphal o globo inteiro e entoando perpetuo *Te-Deum* de louvores, á sombra e ao abrigo da bandeira desfraldada

A sintese descritiva do notavel trabalho de Luciano Freire que honra o Museu de Artilharia, contém-se nestas linhas que vou transcrever concernentes a Nuno Alvares Pereira: «A sua figura ergue-se do meio negro em que vivia, numa ascensão para a gloria e para Deus, e pensa na redempção do povo portuguez, cujo futuro magnifico lhe germina na idea, desabrochado em symbolos piedosamente heroicos.»

D. Francisco de Noronha.



O VAPOR «PORTUGAL» — SALÃO RESERVADO A SENHORAS

EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

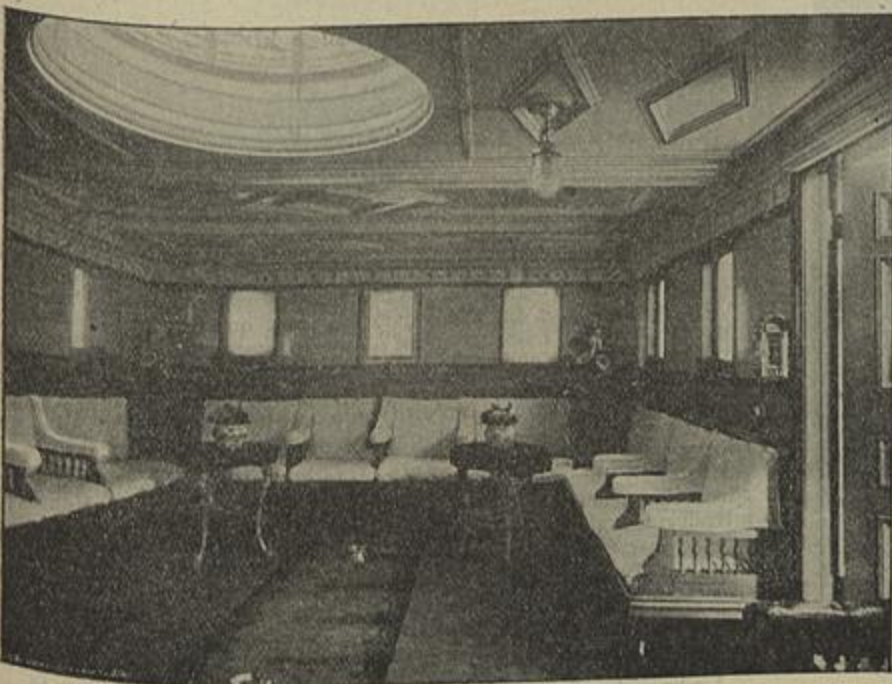
Vae tendo, felizmente, uma vida desafogada e prospera esta parceria genuinamente portugueza a que não tem faltado muitos contratempos de diversas especies mas de que tem sabido incolme, á custa de insano trabalho e não pequenos sacrificios.

Começando com dois pequenos vapores, n'uma epoca em que um numero muito restricto de individuos avidos de conseguirem fortuna se aventuravam a embarcar para Africa, e em que o commercio era insignificante, luctando com grandes difficuldades para se manter; não desanimaram os seus dirigentes certos que a evolução do tempo traria o desenvolvimento do commercio e que a ideia de que a Africa era para os africanos se havia de modificar pelas necessidades do proprio commercio.

Pouco a pouco os diversos ramos da actividade foram desenvolvendo-se e a parceria acompanhando o progresso e satisfazendo as exigencias do commercio foi construindo mais vapores, multiplicando o numero das suas carreiras e progressivamente tornando-se essa empreza, em que se advinha já um futuro prospero e brilhante.

Actualmente a sua esquadra compõe-se dos seguintes vapores, além dos rebocadores *Cabinda* e *Congo*:

<i>Ambaca</i>	de 2:888 tonelladas
<i>Cazengo</i>	» 2:880 »
<i>S. Thomé</i>	» 2:255 »
<i>Cabo Verde</i>	» 2:261 »
<i>Angola</i>	» 1:966 »
<i>Benguella</i>	» 2:932 »
<i>Zaire</i>	» 3:156 »
<i>Malangue</i>	» 3:544 »



O VAPOR «PORTUGAL» — SALA DE FUMAR

Empresa Nacional de Navegação



O VAPOR «PORTUGAL» — SALA DE JANTAR



JAYME DE VASCONCELLOS THOMPSON
Thesoureiro



JOSÉ NETTO
Chefe do expediente



THESOURARIA
Cliché do sr. A. Bobone



REPARTIÇÃO DO EXPEDIENTE
Cliché do sr. A. Bobone

Portugal	»	3:897	tonelladas
Loanda	»	3:139	»
Bissau	»	458	»
Bolama	»	883	»
Zambezia	»	1:174	»
Principe	»	192	»
Mindello	»	300	»
Africa (em construcção)		5:500	tonelladas

Por varias vezes tem prestado a Empresa Nacional de Navegação importantes serviços ao paiz, quer armando os seus vapores em transportes para a condução de tropas, missões que lhe tem valido os melhores elogios das estações superiores, quer fazendo o transporte gratuito de mercadorias e dinheiro, como por occasião de serem enviados da metropole, os soccorros aos famintos de Cabo Verde.

O estabelecimento das carreiras para a costa oriental foi mais um acto de verdadeiro arrojo a que o governo a incitou e o seu patriotismo cedeu.

Luctando com poderosas companhias estrangeiras que navegam para aquella costa, tornou a navegação portugueza uma realidade, introduzindo nos vapores as modificações necessarias para os poder equiparar com os vapores estrangeiros, e, se o não conseguiu em toda a latitude dos seus desejos, resta-lhe a consolação do respeito que lhe é tributado pelas companhias concorrentes, e por aquelles que, apregoando um falso patriotismo, maldizem do que é nosso, para, na ostentação das suas vaidades renderem homenagens a tudo quanto é estrangeiro.

A administração está confiada a cavalheiros de toda a respeitabilidade, altamente cotados no mundo commercial e financeiro, e que

Sociedade de Concertos e Escola de Musica



D. RACHEL DE SOUSA



ANSEIMO DE SOUSA



FREDERICO GUIMARAES



JULIO CARDONA



MORAES PALMEIRO



GUILHERME RIBEIRO



RODRIGUES BERAUD



CARLOS GONÇALVES



[PEDRO JOSÉ FERREIRA



WENCESLAU PINTO



MARCOS GARIN

tem consumido a sua intellectualidade e aptidões á resolução dos problemas que importam o desenvolvimento da parceria, dando assim completa satisfação aos compartes.

Esses nomes deixamol-os aqui inscriptos para que sejam conhecidos e que tão credores são da estima publica e da consideração que todo o commercio lhes deve tributar pelos altos serviços prestados como directores da nossa primeira e mais importante empresa de navegação para as possessões portuguezas em Africa.

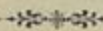
São elles:

Henrique Bensaude, Antonio Gomes Netto e Pedro Gomes da Silva.

No alto commercio, nas mais importantes companhias, nos estabelecimentos bancarios, enfim no que de mais importante tem o nosso paiz na finança, esses nomes são de maior familiaridade e quasi áhi nada se resolve sem o seu conselho experimentado, intelligente e pratico.

Com taes elementos a Empresa Nacional de Navegação floresce e fortifica as suas raizes na sympathia e confiança publica, como arvore de cuja seiva ha a esperar os maiores e melhores beneficios para engrandecimento do commercio, das colonias e da prosperidade do paiz.

Secundando os esforços da Direcção tem a Empresa um excellente pessoal tanto nos seus vapores como nos escriptorios, de que não devemos deixar de mencionar os srs. Jayme de Vasconcellos Thompson, thesoureiro e José Netto, chefe do expediente.



Sociedade de Concertos e Escola de Musica

Se é difficil determinar ao justo qual é a predilecção da sociedade moderna, a mesma coisa não succede para a classificação da Arte mais nobre e sublime.

Tanto no passado, como no presente e certamente no futuro, um plebiscito que se formasse, não só em Portugal, mas em todo o mundo, para decidir esta duvida, estamos certos que a pluralidade dos votos seria adquirida pela arte de *Euterpe*, arte verdadeira em toda a accepção da palavra, que, bem interpretada e proficientemente executada nos dá a impressão de todos os sentimentos humanos: — O espirito de uma seita nos Huguenotes, o valor guerreiro na marcha do Propheta, a dôr e a resignação em Samsão e Dalila, amor, poesia e mysterio na moderna Salambô; a graça e a poesia em tantas outras obras primas de inspirados auctores que passaram á posteridade nas azas da harmonia.

E' por isso que o estudo da musica é hoje o mais cultivado e cuidadosamente seguido em todos os paizes do mundo civilisado; e que uma educação se considera incompleta se, a par das linguas, labores e sciencias, se não adquiriu uma mais que sufficiente erudição na arte de combinar os sons.

Um philosopho do seculo passado, M. Deslandes, diz que a humanidade é um conjuncto de doídos.

Admittindo que o mundo é um grande manicómio e que os homens são todos realmente loucos, nós permittimo-nos a liberdade de os classificar em tres categorias: furiosos, tranquillos, harmonicos ou poeticos.

Suppomos os primeiros sem cabeça, os segundos com cabeça e os ultimos com cabeça e coração.

Os primeiros serão portanto nullidades, os segundos pensadores passivos e os ultimos pensadores activos.

N'esta cathogoria somos obrigados por deducção a collocar aquelles que dedicam a sua existencia a uma causa justa, que quebram lanças por um ideal sonhado. E, de deducção em deducção acode-nos á mente o nome d'um incançavel obreiro, cuja loucura consiste na pertinaz crença de reformar a sociedade moderna, tornando-a apta para todos os sentimentos do coração e do espirito, seguindo por conseguinte o axiome de que — *a musica adoça os costumes.*

Anselmo de Sousa, depois de ter gasto dez annos na propaganda altamente altruista da educação physica, creando mesmo um jornal onde sacrificou uma parte não só da sua fortuna, mas tambem do capital adquirido no honroso exercicio das suas funções publicas, vem trabalhando ha dois annos na consagração da Musica Nacional — como primeiro e bem comprehendido passo para a nova phase da sua predilecta idéa. Para sufficiente garantia do desejado progresso reuniu em volta de si um nucleo de intellectualidades já sancionadas e muito bem cotadas pelo nosso publico lisboeta, taes como :

Frederico Guimarães, Julio Cardona, Marcos Garin, Carlos Gonçalves, Moraes Palmeiro, Guilherme Ribeiro, Wenceslau Pinto, etc., etc.; escolheu o mais apropriado local, central e tranquillo, na rua do Alecrim, 17, e áhi installou em salas bem arejadas e confortaveis as diferentes aulas d'um curso completo, igual ao do Conservatorio Real de Musica.

Suppondo deficiente o auxilio intellectual por elle dispensado a esta instituição educou convenientemente sua ex.^{ma} filha a sr.^a D. Rachel de Sousa e aggregou-a tambem ao curso, confiando-lhe a mais difficil missão, a mais ardua das tarefas, isto é, o rudimentar inicio, a preparação, sempre difficultosa para a comprehensão d'uma sciencia, ou d'uma arte, onde o gosto é tudo. Se á professora n'estas circumstancias falta o tacto, o *savoir faire*, o futuro do discipulo pode ser gravemente comprometido, esse gosto completamente annullado.

Fallamos com conhecimento de causa, pois fomos victimas da imprudencia d'um professor que nos desanimou, não sabendo ou não se importando de aproveitar a nossa aptidão.

Em 1875 frequentavamos a aula de musica no lyceu de Coimbra. O professor, cujos descendentes ainda hoje são considerados ornamentos da divina Arte, morreu, sendo substituido por um joven estudante dotado de muito merito, mas para quem a paciencia ainda não era a primeira virtude.

Em logar de cultivar as nossas boas qualidades tratou bruscamente de inutilisar os nossos defeitos — se defeitos se pode chamar á posição mais ou menos levantada das mãos sobre o teclado do piano, posição que tinha sido indicada pelo precedente professor.

Travou-se por assim dizer uma lucta entre professor e discipulo. O defeito adquirido era difficil extingui-o immediatamente e, por mais vontade que tivéssemos em satisfazer as prescrições do novo mentor, uma vez ou outra, esquecia-nos a nova posição aconselhada.

Uma pancada com a mão em prancha, sobre o nosso pulso, prevenia-nos da falta commettida produzindo ao mesmo tempo dois effeitos: desorientar-nos e indispôr-nos, o que determinou finalmente a resolução de abandonar por completo os nossos estudos musicaes, a carreira que tão sorridentes esperanças nos apontava no futuro.

Ora estes predicados, paciencia, tacto e *savoir faire*, reune-os a sr.^a D. Rachel de Sousa em subido grau, e as suas discipulas só terão uma coisa a lamentar: vencerem tão depressa o curso elemental e terem de passar a outra aula onde a sr.^a D. Rachel já não tenha ingerencia.

A *Escola de Musica* entra agora no seu terceiro anno de existencia. A imprensa em geral e o publico em particular continuam a dispensar-lhe o seu valioso apoio, afirmando-se dia a dia o augmento da frequencia que já este anno obrigou a desdobrar algumas aulas e a convidar novos professores para a sua regencia.

Os concertos realizados no Salão da Trindade, em D. Maria, no Real Colyseu de Lisboa e no *charmant* salão do Conservatorio Real attrahiram o que ha de mais selecto na nossa sociedade, applaudindo com enthusiasmo os oitenta executantes que n'elles tomaram parte, e fazendo chamadas especiaes aos incançaveis organisadores de tão luzidas e harmoniosas audições.

O merito acha sempre, felizmente, quem o aprecie. O nosso testemunho é modesto e singelo, mas é sincero e franco, porque é merecido.

Homens da tempera de Anselmo de Sousa são raros; e no emtanto elles são bem necessarios para fazerem sobressahir a impertinente e indisculpavel fraqueza d'uma geração morosa e rotineira que desconsidera o trabalho, chegando mesmo a renegar aquelles que, por necessidade ou temperamento, occupam as forças intellectuaes e physicas no engrandecimento e progressos do seu paiz.

Que este desprezo se transforme um dia em apreço; que os homens se auxiliem mutuamente e dispensem a esses visionarios a consideração a que elles tem direito pela activa parte que tomam em tudo que é aproveitavel e bom e a humanidade será regenerada, o seu convívio tornar-se-ha agradável e ambicionado, e o supremo grau de perfeição, hoje uma utopia, será finalmente attingido.

Não devemos encerrar este artigo, que já vae um pouco longo, sem reunir aos nomes já citados, os dos srs. conde de Restello, Correia Pinheiro, Rodrigues Beraud e Eduardo Noronha que têm sido uns bons auxiliares do sr. Anselmo de Sousa, n'esta tão sympathica propaganda.

FLAVIO CONSTANTE.

UM PAR DE BOTAS DE BARCA

POR

Ludwig Nötel

Volvido um anno

(Continuado do numero 987)

Achava-me eu escripturado no theatro municipal de Halle, sobre o Saal. Ia a meio caminho o inverno. Uma tarde em que tinhamos folga, estava eu no botequim do theatró a jogar com uns conhecidos o «Sessenta e um», jogo de vasa predilecto da sobredita localidade.

Quiz o acaso que eu, sempre que me não tocava a minha vez de jogar, distraído, relanceasse amiude a vista pelo recinto, e se me tornasse conspicua a presença de um sujeito repoltreado-se em uma commoda poltrona, ao pé do fogão, e saudando-me invariavelmente com um ar de riso. Retribui-lhe muito ao de leve a cortesia e não pensei mais em semelhante homem, na supposição de que seria algum dos frequentadores assíduos ali todas as noites, d'esses com quem a gente da nossa classe trava amiude relações, aliás eventuaes, e cuja physionomia se nos varreu totalmente da memoria, ainda quando os tornamos a encontrar. Finalmente acabou-se o jogo e eu ergui-me da cadeira e fui dar uma volta pela sala, eis se ergue por igual o tal sujeito, e vem ter comigo.

Era um homem alto, magro, trajando um casacação de abas compridas, e de corte muitissimo burguês, um tanto queimado do rosto e com o nariz algo assanhado. A barba sal e pimenta produziu-me a impressão de não ser, como se dissessemos, uma barba a valer, percebia-se que não tinha sido feita desde muito tempo.

Engatilhando aquelle seu já mencionado ar de riso, em que eu mais de uma vez tinha reparado, implantou-se me na frente, aguardando visivelmente uma interpeção da minha parte. Não me achava eu, porém, em disposições de encetar um colloquio indifferente, e após breve saudação, tentei seguir meu caminho, eis me segreda o quidam, ao ouvido, e com uma voz roufenha o nome de «Wustenfeld.»

Olhei attonito para o sujeito, era elle todo inteiro! com este, era o quarto encontro, e afigurou-se-me haver o destino evocado a semelhante homem, para se me aferrar aos calcanhares, impingindo-m'o uma vez cada anno.

— Com que então, sempre é o senhor, proferi, e qual é a capacidade, pergunto eu, em que d'esta vez me proporciona o prazer de o encontrar? Cultiva ainda a especialidade de dar aos foles, ou então...

— E' uma crueldade, permitta que lh'o diga, prezado amigo, atalhou; o recordar-me uns tempos e uma occupação, que a mim proprio se me antolham qual ponto negro no meu passado viver. Não! Pertencço outra vez de todo á Arte!

— E comtudo quer-me parecer que se acha em férias, observei! apontando-lhe para a barba por fazer, e que é que o traz por cá?

«Ah! capitão! encetou, traz-me aqui o meu destino, triste a mais não poder ser! Naufraguei n'este pavoroso mar do mundo, vi submergir-se de todo a esperança da minha vida, e resta-me apenas a recordação pungente de quanto perdi, recordação que me haveria já dado volta ao juizo, se eu, mercê da minha nunca desmentida actividade, não tentasse afogá-la na memoria!»

— Com que então, é como sempre um desamparado da Providencia? perguntei a rir, mas deixémos em paz o nosso grande Schiller, e fale por si, Wustenfeld!

Poder-lhe-ei ser prestavel de algum modo?

— Oh! se pode! acudiu Wustenfeld, por esta vez está na sua mão prestar-me um bom serviço, satisfazendo a importancia da continha, que eu, fiado na sua nunca desmentida amizade, devo n'este estabelecimento.

E solicitar-lhe-ei ainda um favor, e vem a ser, o abonar-me para áhi em qualquer modesto albergue, onde me dêem um cubiculo e uma cama, em que eu, á noite, possa descansar os meus fatigados membros, pois que: «de longe venho, e longe é ainda o meu caminho». Muito estimaria, porém, eximil-o a satisfazer-me estes dois pedidos, se o collega, á conta d'aquelle tão pasmosamente barato par de botas á Cromwell, tivesse a nimia bondade de me abonar dois thalers; facultar-me-ia ensejo de me transferir desde já para Chemnitz, pela via ferrea, e d'este modo poupar-me-ia as despezas de hospedagem?

Não é das coisas mais apraziveis o viajar a pé, para quem o faz por méra necessidade, e muito

menos no inverno, estação em que as estradas, como aliás pela amostra que aqui vê terá occasião de verificar, se não acham, para que digamos, nas mais favoráveis condições; não ignora que me deu pelas referidas botas e thalers, tão poderosamente, e que me saíram por dezeseis, — poderei ainda mostrar-lhe a conta... mas não, não quero mentir, já lh'a não posso mostrar.

— Pois, meu caro Wustenfled, retorqui; antepondo o seu ultimo requerimento ao primeiro, dar-lhe-ei os dois thalers que me pediu, e por contrapêso, uns copinhos de cerveja, em perspectiva, se o meu amigo me quizer narrar as peripetias referentes ao anno decorrido, embora o faça de modo abreviado, pois me palpita que este lapso de tempo não deixaria de ser para o senhor fértil em aventuras.

Sorriu amigavelmente; a expectativa dos dois thalers em bom dinheirinho e ainda por cima umas canézinhas de cerveja abonancaram-lhe as tão alteradas feições do rosto, alisando-lhe as rugas da fronte, e como nos houvessemos sentados a um cantinho da sala do restaurante, encetou a seguinte narrativa:

— Recordar-se-ha ainda de haver-lhe dito em Brandenburgo, o anno passado, quão pouco convinha aos meus elevados dotes artisticos a occupação que eu exercia, áquella data, e as tenções em que estava, tão depressa quanto possível me fosse, de dedicar as minhas facultades á esfera de actividade a que me haviam predestinado o tacto e a formosura — isto é: á arte dramatica. Mas, como eu, na minha qualidade de homem de bem, me empenhava em manter-me fiel ao meu contracto, aguardei, pois, o meu regresso a Munich e ali me despedi amigavelmente do meu patrão....

A perspectiva de obter uma boa escritura, tornava-se, em vista da adiantada estação, sobremaneira improvável, e no entanto, mantive assidua correspondencia para os quatro pontos cardeaes, em dezembro, estando-se-me já a acabar o diário, recebi uma proposta para uma cidadezinha nas proximidades de Munich.

Alentado pela esperança transferi-me para a dita localidade, mas qual não foi a minha decepção, ao ver de perto aquella empreitada! Não faz a minima ideia, nem suspeitar pôde, sequer da existencia de semelhante miséria, sinto ainda calafrios ao pensar em tal! Os actores contractados eram, não havia ainda um trimestre, aprendizes de barbeiro ou limpa chaminés, e sem a minima noção do que fosse a arte de representar.

O proprio director, por nome, Blumenmaier, um judeu, ainda môço, um trocaxudo com quatro pés e quatro polegadas de altura, quando muito, arrematára, uns meses atrás, o espólio de um empresario falido, pensando o total da bagagem para ahi quntal e meio, incluindo, ainda assim, a madeira do tablado, adquirindo a tudo por um preço irrisório, e suppunha, *ipso-facto*, haver assim adquirido o privilegio de arvorar-se em director de um instituto votado á Arte; ou elle não seria judeu! — Ordenados era coisa em que nem de longe se falava; trabalhavam de parçaria. Nos dias de semana, por via de regra, não havia ganhos a repartir, e nos domingos e dias duplices dividiam, por cabeça, de 30 a 35 *kreutzers*, o maximo! Ora, sempre quero que me diga, quem é que podia viver com semelhante quantia?! — E ahi volto eu outra vez a manter correspondencia e sempre á espera de uma proposta de escritura, morto por me ver livre daquella sucia de farroupilhas.

Para cumulo de desventura concorria á cidade, habitualmente, ao domingo, uma malta de estudantes da universidade de Munich e quando, de aborrecidos, não tinham já para onde se virar, apellavam para o theatro, decididos, já se vê, a levar tudo de chacota!

Para um apostolo da Arte, qual me prézo de ser, semelhante procedimento era de todo o ponto intoleravel. Uma noite, representava M., o inimitavel especialista em papeis de macáco, em excursão pela provincia, de sociedade com a companhia do nosso quidam; desempenhava eu o papel do capitão-negreiro, recorda-se, aquelle que,

por vingança, joga o menino, que o macaco, depois, lhe solta das garras. Concluida a peça, foi chamado com incrível alarido, pelo numerosissimo publico o interprete do macaco, e como este em seguida á chamada, recolhesse a bastidores, descendo outra vez o panno, pegaram os estudantes a berrar: Venha o outro macaco, sáia o macaco preto!

Duvidei da agudêza dos meus proprios ouvidos: era o cumulo do desaforo! visto como aquella cáfila, não havia que duvidar, por macaco preto, designava a minha pessoa! E o director a perguntar-me com riso escarninho, por que é que eu não ia agradecer ao publico! Virei-lhe as costas, furibundo, dizendo comigo: Era o que faltava para encher a medida, toca a abreviar a jornada e a dar o tempo por concluido! Foi dito e feito, limpei o rosto e as mãos, enfarruscadas de ferrugem, eis que retumba de novo, na sala, o berreiro: Wustenfled! venha Wustenfled, saia o macaco preto! Não fiz caso do alarido e pensei: Berrem para ahi! — Outro não vejam vocês! Mas aos estudantes, encasquetara-se-lhes no miolo não arredarem pé da sala — ou espelunca — sem me tornarem victima de seu obstinado capricho. E director e actores a apertarem comigo para que apparecesse, aliás, os estudantes excitados pela folia eram capazes de deitar abaixo o theatro! Cedi, finalmente, e mandei subir o panno! Resolvi liquidar o negocio summariamente, entrei de investida, fiz a minha vénia, operando um movimento de retirada, eis que, de subito, sinto como que uma cóbra inrosçar-se-me ao pescoço; assusto-me, deito-lhe a mão, e agárro uma grinalda de chouriços, que me haviam arremecado á cabeça, tal qual arremessa o laço, o caçador! Não cabendo em mim de enraivecido aranco um chouriço e atiro, á cara do estudante que me ficava mais proximo.

Ergue-se um tumulto medonho vociferam os estudantes: «Fora com o atrevido! Peça perdão! Dê satisfação ao publico! Coma os chouriços! «Eu, porém, sem fazer caso fosse do que fosse, peguei a atirar para o publico com os chouriços, que sóltara do pescoço; e retribuia-me aquelle com uma verdadeira tempestade de chouriços, pãezinhos, maçãs, — choveram, até, batatas cozidas, incontrei-lhe depois inequívocos vestigios nas minhas faces, ficou alastrado o palco, e o perro do judeu, appareceu com os seus réptis, a respirar, guloso, os pães e os chouriços.

Durava o escandalo, havia minutos, até que por fim o burgo-mestre, que se achava presente, conseguiu pôr termo á arruáça e mandar evacuar a sala.

Nas partilhas da receita da noite coube-me em sorte pouco mais de um *gulden*, e com tão exigua quantia, virei costas ao theatro sem mais cerimonia, e sem procurar sequer o meu alojamento, meti á estrada, como um raio. Que iria eu fazer no meu alojamento? Não tinha com que pagar o que lá devia, e com respeito á minha bagagem, era-me licito afirmar, com incontestavel veracidade: *omnia mea mecum porto!* Sem saber onde iria dar comigo, deitei a correr, na escuridão da noite, pela calçada em fora, e ao romper d'alva incontrei-me na estrada de Nurenberg, e entrei de noite na dita cidade.

Em seguida a uma demora de poucos dias e depois de haver recebido de um meu antigo amigo e colléga algum dinheiro para as despesas da jornada e uma carta de recommendação para Francfort, dirigi-me em caminho de ferro para B. onde pernoitei, e ao outro dia, calcurrei por ali fóra *per pedes apostolorum*, até W. — pois se me tinha acabado o dinheiro.

(Continda)

M. Macedo.

Taça offerecida ao ex.^{mo} sr. Conde de Sabrosa

No dia 1 do corrente, foi prestada significativa homenagem de admiração e respeito ao ex.^{mo} governador civil de Lisboa, sr. Conde de Sabrosa, pelos administradores dos quatro bairros da capital e dos concelhos do districto que resolveram offerecer ao illustre magistrado uma taça de prata, tendo gravados os nomes dos offerentes.

O publico testemunho de respeito e estima d'estes dignos funcionarios pelo seu chefe, é a prova de quanto são apreciadas as qualidades superiores do sr. Conde de Sabrosa, manifestadas nos actos da sua administração do districto, administração tão sensata quanto justa de um espirito esclarecido e recto.

O digno magistrado, agradeceu commovido esta homenagem em phrases que affirmam bem a elevação do seu espirito, terminando por estas palavras:

«Hade por vezes conter flôres (referindo-se á taça) que o tempo não deixará durar muito, mas o que o tempo não poderá destruir é o que significam aquelles nomes ali gravados, perpetuando a nossa reciproca amizade e uma coisa que ali não se vê, mas que eu affirmo que existe e existirá sempre, que é o meu vivo e grande reconhecimento.»

A delicada idéa do brinde respondeu tambem a delicada obra d'arte executada nos ateliers dos srs. Leitão & Irmão, que tanto tem levantado a ourivesaria portugueza com primores artisticos de subido valor.

A taça, decorada em estylo Luiz XVI, é muito elegante, como se pôde vêr pela gravura, que nos dispensa de mais minuciosa descripção.

NECROLOGIA

ROSA DAMASCENO

Quão cedo e inesperadamente este nome vem figurar na necrologia, este nome que falar d'elle era falar de luz, de graça, de mocidade que o tempo não murchava e antes parecia conservar em plena primavera.

D. João da Camara, na sua *Chronica Occidental*, dedica-lhe alguns periodos em que aprecia a artista, hoje insubstituivel no theatro portuguez, como o seria no theatro de todo o mundo, porque os dotes naturaes de actriz que Rosa Damasceno reunia, são privilegio raro, só concedido aos predestinados da arte.

Manuela Rey, a predestinada ingenua, que a morte ceifou quasi ao desabrochar, teve sua continuadora em Rosa Damasceno, que por mais de trinta annos illuminou com seu talento o palco portuguez; mas quem virá agora preencher o logar de Rosa Damasceno?



TAÇA OFFERECIDA AO EX.^{mo} SR. CONDE DE SABROSA, EXECUTADA NOS ATELIERES DOS SRS. LEITÃO & IRMÃO

Natural do Porto, onde nasceu a 23 de fevereiro de 1849, Rosa Damasceno, orphã de pae, divagava por theatros de provincia, para onde a attrahira a sua vocação para a arte, quando o actor Marcollino a encontrou e a persuadio a que viesse para Lisboa.

Tinha 18 annos quando se estrejou na *Mãe dos Pobres*, no theatro da Trindade, de que era então empresario Francisco Palha.

A sua estreia foi o seu primeiro triumpho na capital.

Vasto repertorio conta em sua luminosa carreira, sem um esmorecimento, sem uma hesitação. A sua figura gentil e soberana moldava-se a todas as personagens, quer fossem uma princeza ou uma simples aldeã; a melodia da sua voz era sempre um encanto que nos sensibilizava, ora fazendo-nos affluir as lagrimas aos olhos, ora desprendendo-nos o riso dos labios.

Assim ella representou os primeiros papeis da comedia. «O Xerez da Viscondessa», «O Barba Azul», «Gata Borralheira», «Roxinol das Salas», «Tres Rocas de Crystal», «Amazonas de Tormes» operetas, no theatro da Trindade.

No theatro de D. Maria: «Alfageme de Santarem», «Marquez de Villemer», «Sociedade onde a gente se aborrece», «Fidalgos da Casa Mourisca», «Madrugada», «Duque de Vizeu», «Varina», «Cigarra», «Arlesiana», «Abbate Constantino», «Alcacer Kibir», «Guerra em tempo de paz», «Regente», «Afonso VI», «Amigo Fritz», «Amigo das Mulheres», «Tio Milhões», «João de Thomeray», «Bibliothecario», «Burguezes de Pontarcy», «Eva», «Intimo», «Estatua», «Nadadoras», «Mantilha de renda», «Gendarme», «Leonor Telles», «Clara Soleil», «Hamlet», «Metter-se a Redemptor», «Féra Amansada», «Os Velhos», «Triste Viuvinha».

No theatro D. Amelia, desde 1898 até á ultima epoca: «O Ditoso Fado», «Viriato Tragico», «O que morreu de amor», «Maridos de Leontina», «Amor de mãe», «Meia noite», «Padre Joanico», «Côrte na Aldeia», «Minha norra», «Degenerados», «Fromont & C.^a», «Corrida do facho», «Casa Ber-

nardon», «Castello historico», «Outro eu», «Pouca sorte», «Torrente», «Auto Pastorill», «Segredo do Polichinello», «Paço de Veiros», «Ressurreição», «Segredo de Confissão», «Cruz da Esmola» e «O adversario», ultima peça em que entrou.

Rosa Damasceno era casada com outro grande



ROSA DAMASCENO

artista, Eduardo Brazão. Falleceu no dia 5 do corrente na sua propriedade do Gradil, proximo de Maфра, para onde ia passar sempre o verão e onde era considerada a mãe da pobreza d'aquelles sitios.

PUBLICAÇÕES

Temos presente mais um trabalho do sr. Dr. Antonio Joaquim Ferreira da Silva, lente da Academia Polytechnica e director do Laboratorio Municipal de Chimica do Porto.

Ninguem ignora a alta capacidade scientifica do Dr. F. da Silva, que desde longos annos vem espalhando innumerables obras, cada uma d'ellas repleta de erudição e de um acrisolado patriotismo, manifestados quer na rehabilitação do bom nome dos nossos vinhos no estrangeiro, quer na implantação dos serviços de uma rigorosa fiscalisação de substancias alimentares.

A adubação alcoolica e saccharina e o valor do extracto correcto nos vinhos licorosos. — Porto, 1904. — 24 pag.

É um valioso documento em que se prova assáz eloquentemente a desorientação que vae nas regiões officiaes com respeito á forma arbitraria e anti-scientifica como se julgam as verdadeiras ou suppostas falsificações das substancias alimentares. Contem a apreciação critica da sentença de 1 de setembro de 1903, proferida pela inspecção dos serviços sanitarios do reino, que considera como falsificados os vinhos licorosos que tenham sido aguardentados, aquelles a que se tenha adicionado calda de assucar puro e aquelles em que o extracto correcto seja de 16,2 grammas por litro. Isto quando não existe entre nós nenhuma disposição que prohiba a addição aos vinhos quer de aguardente de vinho ou alcool industrial rectificado quer de assucar puro, em solutos aquoso ou caldas. É prohibido sómente o emprego da glucose e assucar invertido ou do assucar impuro.

O auctor refuta com citações dos oenologos e chimicos eminentes todas as conclusões apresentadas pelo referido tribunal.

LOJA DO LOPES

(Socio-gerente que foi dos Armazens de S. Roque)

Armazem de Fazendas e Modas

LISBOA — 111, 113, RUA DE D. PEDRO V, 115, 117 — LISBOA

ARTIGOS DE RETROZEIRO

MODAS E ATELIER DE MODISTA

espartilhos barba direita, Modelo EVA HUMBERT

Fazem-se tambem de encomenda para o que ha espartilheira para ir tomar medidas e provar a casa das freguezas.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS: Senhores — ás 10 horas da manhã

Homens — ás 3 da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.^a

Rua de S. Paulo, 216, 2.^o — LISBOA

N.^o telephonic 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Univera de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras



R. do Alecrim, 444, 4.^o (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

Caixa Geral de Depositos

e Instituições de Previdencia

Operações pela Caixa Geral de Depositos

Adeantamentos de juros de quaesquer titulos de divida publica que não estejam immobilizados perpetua ou temporariamente. — Empréstimos a curto prazo sobre penhor dos mesmos titulos. — Empréstimos a corporações administrativas. — Desconto de letras sacadas sobre o thesonreiro do ministerio da marinha. — Adiantamentos de vencimentos a funcionarios publicos e pensionistas do estado. — Operações em cje de subsidios devidos por lei e descriptos no orçamento geral do estado com encargo regular e effectivo do thesouro. O juro, prazo e demais condições das operações acima mencionadas serão determinados segundo as circunstancias do mercado.

Operações pela Caixa Economica Portugueza

Depositos vencendo juros de 3,60 por cento ao anno capitalizados annualmente. Os depositos podem-se elevar em cada anno até á quantia de 1:000,000 réis, não podendo, porém, cada depositante ter em deposito quantia superior a 3:000,000 réis.